



## **Tema 03 - Dimensão da Mística (Processo Teológico-espiritual. “Qual é o sentido da minha vida?”).**

### **Título 01 - Introdução à Teologia da Espiritualidade Cristã.**

NEI DE SÁ

(Ms. Teologia Pastoral – PUC-SP)

#### **Introdução à Teologia da Espiritualidade Cristã.**

O termo “espiritualidade” não figura nos escritos do Novo Testamento. Com efeito, existem numerosas expressões que descrevem realidades de fé, cujos germes estão bem presentes na Bíblia, não, porém, explicitamente. Por exemplo, o termo “Trindade” não aparece nunca no Novo Testamento. Todavia, a fé num Deus “Pai” por Jesus Cristo, a fé no próprio Jesus como Filho de Deus e no Espírito que ele envia aos seus discípulos depois da ressurreição, constitui a base do credo neotestamentário. O termo “Trindade” somente podia aparecer mais tarde, num outro contexto cultural, no qual se tratava de definir, com o necessário distanciamento intelectual, os fundamentos da fé, nos quais a Igreja já acreditava há muito tempo.

Do mesmo modo, malgrado a ausência do termo “espiritualidade”, a realidade que ele encerra é uma dimensão importante do Evangelho, desde o início. Como primeira aproximação, podemos defini-la assim: *A nossa espiritualidade é nossa maneira de acolher, de assimilar e de atualizar o dom de Deus, sua graça, no desenrolar concreto da nossa existência.* Portanto, a espiritualidade cristã não é senão a vida “segundo o Espírito” de que fala o capítulo oitavo da Epístola aos Romanos.

A vida cristã é, antes de tudo, um dom, um dom gratuito. O Novo Testamento é categórico a este respeito: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho, como vítima de expiação pelos nossos pecados... Foi, com efeito, quando ainda éramos fracos que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios... Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós, quando ainda éramos pecadores” (1Jo 4,10; Rm 5,6-8). E ainda: “...Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, vivificou-nos juntamente com Cristo: pela graça fostes salvos!” (Ef 2,4s).

É impossível enfatizar demais esta verdade simples, mas essencial: o Cristianismo não é, em primeiro lugar, uma filosofia de vida ou uma moral. É a Boa Nova que, em Cristo Jesus, mediante o Espírito Santo, o Pai nos oferece em seu amor fraterno, fonte de uma nova vida. Transmitida com o Batismo e alimentada pelos



sacramentos da Igreja, em particular pela Eucaristia, esta nova vida implica a pertença a uma comunidade de fiéis; é a passagem do isolamento à existência-conjunto, à comunhão.

Ao mesmo tempo, o dom gratuito de Deus não elimina a liberdade humana; pelo contrário, leva-a à sua plenitude. O amor não se impõe, pede – e também desperta – a resposta livre do outro. Solicitado por esse Amor eterno que permanece à porta e bate (cf. Ap 3,20), cada pessoa é convidada a abrir e a receber o hóspede. Cabe a ela fazer seu o dom de Deus e fazê-lo entrar na trama da própria existência. Em outras palavras, se o dom da salvação é o de uma vida nova, então, a única maneira de receber esta vida é vivê-la.

A fé pode ser considerada como atividade de Deus que desce livre e gratuitamente junto dos seres humanos para lhes oferecer uma plenitude de vida (Cf. Jo 10,10b). Analogamente, podemos ver as coisas do ponto de vista do homem que se abre ao dom de Deus, o qual lhe permite transfigurar sua vida a partir de cima e em profundidade. Este segundo aspecto merece mais especificamente o nome de espiritualidade. Ora, é evidente que estas duas dimensões da fé não estão situadas no mesmo plano: a atividade de Deus engloba, desde o início, tudo o que o homem, em resposta, pode fazer. O relacionamento entre o Criador e sua criatura não é simétrico, pois que todos os passos da segunda encontram seu início no ato preliminar do primeiro. Portanto, falar de espiritualidade cristã no sentido verdadeiro do termo não significa exaltar uma espécie de autodeificação do homem, uma “salvação mediante as obras”: a mensagem bíblica, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, coloca sempre a iniciativa absoluta nas mãos de Deus.

Contudo, Deus criou o homem à sua imagem. O ser humano não é um autômato destinado a executar um plano pré-estabelecido; foi criado livre e dotado de relativa autonomia. Suas ações, conseqüentemente, possuem uma densidade ontológica, e isto vale também – sobretudo – para o que concerne à relação com Deus. Neste sentido, a dimensão da espiritualidade é essencial para o cristão convicto do primado de Deus em sua existência, não como tentativa de justificar-se ou de realizar-se independentemente dele, e sim como apropriação pessoal da graça divina. Operando com temor e tremor a própria salvação (Cf. Fl 2,12), o homem toma a sério a sua vocação e se torna realmente aquele que é aos olhos de Deus, seu Criador: um parceiro digno de Deus (Cf. Jo 15,14s.; 2Pd 1,4; 1Jo 3,1s.). Tomando emprestada a linguagem de alguns Padres da Igreja, retomada pela tradição oriental, o homem criado à imagem de Deus, deve adquirir sua *semelhança*, mediante a santidade da *própria* vida.



As duas dimensões da fé que aqui procuramos colocar em evidência são expressas de diferentes maneiras no Novo Testamento. Vejamos dois exemplos. No Evangelho segundo São Marcos, Jesus inaugura seu ministério com estas palavras: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”. (Mc 1,15). Do mesmo modo, encontramos na Epístola aos Efésios um movimento idêntico, expresso com outras palavras: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor: andai como filhos da luz” (Ef 5,8).

A primeira imagem evoca a transformação realizada nos destinatários da Epístola, descrevendo-a como a passagem das trevas à luz. Esta passagem ocorre “no Senhor”, é essencialmente obra dele. Por intermédio do dom de sua vida na cruz, sua ressurreição e o envio do Espírito Santo, por intermédio do nascimento da Igreja cristã com sua missão de anunciar o Evangelho até os confins da Terra, homens e mulheres do mundo pagão foram reconciliados com Deus (Cf. 2Cor 5,18s), passaram da hostilidade para a comunhão. O autor explica, a seguir, as consequências desta escolha: “... o fruto da luz consiste em toda bondade e justiça e verdade. Procurai discernir o que é agradável ao Senhor e não sejais participantes das obras infrutuosas das trevas” (Ef 5,9 ss.)

Em resumo: o comportamento dos cristãos deve andar “pari passu” com sua situação objetiva, fruto da redenção. Cabe-lhes tornar-se sempre mais aquilo que são, na profundidade do coração: neles, o “ser” e o “caminhar” devem tornar-se uma coisa só.

Arreponder-se e crer, andar correspondem à espiritualidade, que significa a apropriação pessoal do dom de Deus. A noção é idêntica à do caminho, da peregrinação cristã, é a maneira como traduzimos o Evangelho nas circunstâncias concretas de nossa existência. Neste sentido, a espiritualidade compreende a dimensão da morte, ainda que seja menos acentuado o lado autônomo e voluntarista do comportamento humano, e mais favorecido o da imitação de Deus, da docilidade ao Espírito.

Partindo da noção de espiritualidade aqui proposta, aparece evidente que, por sua própria natureza, a espiritualidade cristã é *histórica*. Ela é a Boa-Nova, a vida segundo o Espírito, atualizada, ou melhor, encarnada, num lugar e num tempo precisos. Em si mesmo, o dom Deus é único: no fim das contas, Deus possui somente uma coisa para partilhar conosco: sua vida divina. Contudo, o que é simples do ponto de vista divino torna-se extremamente complexo quando é rompido pela condição humana. A graça de Deus deve informar uma grande quantidade de situações humanas muito diferentes entre si, sem prejudicar as virtudes que elas escondem, e sim com a finalidade de levá-las a uma realização autêntica.



A espiritualidade apresenta-se como histórica de duas maneiras diferentes, que convém distinguir. Antes de tudo, porque ela é atividade de seres humanos, os quais são entidades históricas que vivem numa determinada conjuntura, são influenciados por um passado pessoal e coletivo, pelas exigências do momento presente e pelas expectativas do futuro. A própria maneira de conceber a fé e o que ela comporta, está condicionada, sem ser determinada plenamente pela época na qual o indivíduo vive. Disso nascem as diferentes “escolas” de espiritualidade que caracterizam a história da Igreja cristã.

No entanto, esta maneira de entender a historicidade da espiritualidade, de per si válida, revela-se insuficiente. Com efeito, ela poderia ser aplicada a qualquer outra atividade humana. A espiritualidade cristã é histórica também em sentido mais profundo, quer dizer, ela pretende sê-lo. O Evangelho de Jesus Cristo não nos pede que fuçamos de um mundo mau para nos refugiarmos numa existência desencarnada, suspensa entre o Céu e a Terra. Se o chamado de Jesus nos faz sair do mundo, é para nos fazer reentrar nele, logo depois, como testemunhas do amor de Deus e para nos fazer traçar seu caminho que atravessa, de ponta a ponta, a História do nosso planeta. “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo como eu não sou do mundo... Como tu me enviaste ao mundo, também eu vos envieí ao mundo” (Jo 17, 15s.18). Os cristãos não formam um grupo homogêneo rigorosamente separado do resto da humanidade. Eles estão em toda parte, como fermento na massa (cf. Mt 13,33), como a “alma do mundo” (*Carta a Diogneto*), para realizar a lenta transformação da sociedade humana e de seus valores. Duas citações do Concílio Vaticano II sintetizam esta visão da espiritualidade cristã. A primeira enfatiza a solidariedade dos discípulos de Cristo com o conjunto da família humana; a segunda, a maneira como a graça de Deus atinge a realidade do homem:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. (...) a sua comunidade (...) se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história (*Gaudium et Spes*, 1).

“... A Igreja ou o Povo de Deus (...) nada subtrai ao bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário, fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purifica-os, reforça-os e eleva-os (...) (Ela) tende a recapitular toda a humanidade com todos os seus bens sob Cristo Cabeça, na unidade de seu Espírito”. (*Lumen Gentium* 13).

Deste modo, a espiritualidade cristã afasta-se nitidamente de qualquer espiritualidade de “fuga do mundo”. Em vez de colocar o mundo e suas necessidades, por assim, entre parênteses, ela nos torna mais atentos à situação da sociedade humana.



Sem colocar de lado, porém, a contribuição dos séculos precedentes, ela nos faz viver plenamente no “hoje de Deus”, a fim de que a luz de Cristo possa iluminar o mundo contemporâneo no qual vivemos. Se, hoje, esta maneira de ver as coisas nos parece evidente, isto pode indicar, antes de tudo, como o povo cristão, em seu conjunto, tenha percorrido, em relativamente poucos anos, um longo caminho.

**Bibliografia consultada:**

BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia Espiritual* (2ª ed.). São Paulo: Loyola, 2005.

SECONDIN, Bruno & GOFFI, Tullo (Org.). *Curso de Espiritualidade: experiência-sistemática-projeções*. São Paulo: Paulinas, 1994.